

“FORA DO CORPO NÃO HÁ SALVAÇÃO”: O CORPO-EXCESSO EM HILDA HILST

“OUT OF THE BODY THERE IS NO SALVATION”: THE BODY-EXCESS IN HILDA HILST

Natália Marques da Silva¹

Samuel Lima da Silva²

RESUMO: Estudo acerca da configuração do excesso na prosa hilstiana, suas encruzilhadas e bifurcações estético-sociais. Por meio do “transbordamento”, “experiência” e “desregramento”, a operação do excesso ocorre nos (des)limites da representação do território corporal, reivindicando uma cartografia do corpo e da linguagem erótico-pornográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst; Excesso; Narrativa; Corpo.

ABSTRACT: Study about the configuration of excess in Hilst's prose, its crossroads and aesthetic-social bifurcations. Through “overflow”, “experience” and “disruption”, the notion of excess occurs in the (dis)limits of the representation of the corporal territory, claiming a cartography of the body and the erotic-pornographic language.

KEYWORDS: Hilda Hilst; Excess; Narrative; Body.

Quanto a se sentir traída, traídos somos todos nós, mais cedo ou mais tarde. Angustiada? Alguém muito ilustre escreveu: “fora do corpo não há salvação”.

¹ Mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil. Doutoranda em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil. Bolsista CAPES – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8401-0959>. E-mail: natalia.marquesva@gmail.com

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil, com período sanduíche em Universidade de Aveiro – Portugal. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo - Brasil e na Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4135-5513>. E-mail: samuel.lima@unemat.br

(HILST, Hilda. *Cartas de um sedutor*. 2018, p. 235)

“Como pensar o gozo envolto nestas tralhas?” É precisamente com esse questionamento que Stamatius, narrador e personagem-escritor, inicia a narrativa de *Cartas de um sedutor* (2018), penúltima obra da tetralogia pornográfica³ de Hilda Hilst. E é justamente na esteira desse pensamento-questionamento que é possível localizarmos, conforme veremos neste estudo, uma das operações do excesso na prosa hilstiana, a saber: o lixo. É revirando as tralhas e os restos, vasculhando o mais sombrio das lixeiras, a podridão, aquilo que foi excluído; é no transbordamento de lágrimas, no gozo, no suor, no sangue, nos excrementos do corpo que será possível acessarmos a matéria sensível da linguagem e da experiência humana. Fora do corpo, não há salvação. Sem a entrega e o contato com o que há de mais sujo e podre não há espaço para a salvação, para o prazer. Logo, é dessa forma, tateando a prosa de Hilda Hilst, investigando um corpo-excesso – o qual instiga e constrange, é divino e profano, belo e sujo – que “iremos juntos num todo lacunoso” (HILST, Hilda, 2018, p. 38).

Contudo, antes de nos aprofundarmos na análise dos textos hilstianos, é preciso compreendermos os/as (des)limites/definições do excesso literário. Isto posto, o excesso é caracterizado justamente por uma não definição. Em acordo a ensaísta Eliane Robert Moraes, pesquisadora sobre o tema, o excesso “supõe menos um conteúdo específico do que uma série de operações simbólicas particulares” (MORAES, 2023, p. 34). Por sua essência lúbrica e fluida, o excesso é algo que nos escapa. É, portanto, da ordem do desvio, isto é, uma escrita-linguagem que alude não só ao campo do hiperbólico, do exagero, mas também ao da subversão e, nesse sentido, do esforço em nomear o

³ De 1990 a 1992, sob a angústia de não ser lida, reconhecida, publicada, Hilda Hilst se dedicou à escrita das mais doces e tenras bandalheiras, tendo publicado: *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d'escárnio/textos grotescos* (1990), *Cartas de um sedutor* (1991) e *Bufólicas* (1992).

interdito, o inconfessável, o não dito. E, nesse sentido, “a escrita que lhe corresponde implica invariavelmente um voto de fé na transgressão que se faz valer por reiteradas subversões de paradigmas” (MORAES, 2023, p. 34).

No âmbito dos estudos literários, o excesso está presente, por excelência, como operação simbólica no texto erótico-pornográfico. Assim, uma escrita pautada pelo excesso expressa-se, principalmente, pela perda de limites, pela destruição. Não se trata apenas de uma questão de prazer e libertinagem, pelo contrário, o excesso busca conhecer e encontrar o outro por meio do corpo, para, então, tomar o homem verdadeiramente em sua forma arredia.

Para Borges (2012), em pesquisa sobre o tema:

O excesso é como uma força que supera o que quer que seja, venha de onde vier, de fora ou de dentro do homem. O excesso é perpétuo devir. Nenhum discurso o contém, nenhum saber o detém. Se há um limite para o excesso, existe sempre a possibilidade de um excesso ainda maior poder suplantá-lo, e assim por diante. A cada ato excessivo supera-se um limite e ao mesmo tempo se assinala outro, que via de regra é excedido depois. (BORGES, 2012, p. 12).

Neste sentido, se há uma essência do excesso, certamente é essa: o escape, o inacabado, a fluidez. Nenhum discurso o contém, nenhum saber o detém. Nessa mesma linha de raciocínio, Camille Dumoulié, atento às diversas manifestações do excesso na Filosofia, Psicanálise e na Literatura, apresenta duas possibilidades de sentido para tal noção, quais sejam: na primeira, o excesso aparece, tal como já mencionado anteriormente, como julgamento de valor quantitativo. Isto é, será sempre medido pelas normas sociais e subjetivas; o segundo sentido, o qual nos interessa aqui, é o excesso como afeto, como êxtase, como experiência em que o ser perde os seus limites. Leiamos as palavras do autor:

Como afeto, e segundo a etimologia (*extasis*), o excesso é um acesso que se projeta para fora de si, uma forma de êxtase. Como lembra Jean Starobinski, remontando do latim da Bíblia, a palavra *excessus*

remete a diversas formas de saídas do mundo, a começar pela morte (*excessus vitae*), mas ela designa tão bem a fúria e o delírio como o excesso humoral corporal [...]. O excesso é, então, uma experiência menos quantitativa do que qualitativa, senão ontológica. De modo que, enquanto afeto, ele é sentido como uma força interior que empurra a sair da intimidade do seu ser. (DUMOULIÉ, 2007, p. 11).

Ou seja, o excesso pode se mostrar como experiência ontológica, como uma força que move, empurra e perturba o ser para uma saída de si. Daí a impossibilidade de fixá-lo em uma definição. Entretanto, tal indefinição e inacabamento não se constituem como uma problemática. Aliás, é possível afirmar que há uma recusa pela não definição. O excesso enquanto noção literária não reivindica qualquer lugar estabelecido e normatizado, já que, dessa forma, perderia suas inúmeras possibilidades de significações. Logo, ele é da ordem do desvio, da ruptura, dos descaminhos e fendas de um texto literário. Portanto, estabelecer uma linguagem codificada seria tal como condená-lo à morte.

Ainda na esteira do autor francês, “Tudo o que é excessivo é insignificante” (DUMOULIÉ, 2007, p. 14). *Insignificante*: aquilo que não tem importância, que é desprezível, irrelevante. Ou *in-significante*, o que não tem significado, o inominável, o inclassificável. Esse título-afirmação de Dumoulié corrobora a compreensão acerca de nosso eixo temático, a saber: a linguagem literária do lixo, mais especificamente, a sujeira enquanto operação simbólica do excesso. Entretanto, por mais que possamos vislumbrar e capturar as figuras-operações do excesso, não podemos alcançá-lo ou atingi-lo, “pois esse significativo, na essência, falta” (DUMOULIÉ, 2007, p. 14). Dessa forma, a noção de excesso, pode-se afirmar, estará sempre acompanhada da tentativa de preencher o que falta, isto é, de representar aquilo que geralmente não se dá importância. Mas, tal tentativa não se realiza, pois é da essência do excesso extrapolar, romper, subverter os limites éticos, estéticos e linguísticos.

A prosa hilstiana é marcada por questionamentos e também por uma busca constante por compreensão. Trata-se de narradores e personagens que pensam/questionam a respeito da vida e morte, do sagrado e profano, entretanto, sofrem as consequências por pensar em demasia, ficando, portanto, sempre em situações de angústia, solidão e desamparo. Acerca dessa questão, em uma entrevista concedida ao crítico José Castello, organizada por Cristiano Diniz, Hilda Hilst tenta explicar o porquê do não reconhecimento de suas obras. Nas palavras da escritora:

Todos os meus personagens têm o mau hábito de pensar. Mesmo quando decidi escrever literatura pornográfica, meus personagens viviam com a cabeça cheia de pensamentos. Eles pensam sem parar. Até no meio do sexo decidem fazer perguntas supercomplicadas. (DINIZ, 2013, p. 160).

De fato, os narradores-personagens de Hilst pensam – e pensam muito. No entanto, é preciso destacar que não se trata de um pensar volúvel ou ininteligível: são questões que atravessam o corpo, os poros, a pele. Na busca por compreensão, por dar nome ao que é do campo do in-significante, há um pensar ao extremo, em excesso. O desejo, o sexo, os dejetos que habitam a lixeira são então colocados em cena por meio de uma linguagem que parte do corpo e de todas as suas pulsões. “O que é a linguagem do meu corpo?” (HILST, 2018, p. 168), questiona Agda, a personagem-narradora, de um dos contos de *Fluxo-Floema* (2018). “O que é o meu corpo para mim e o que é o meu corpo para o outro?” questiona o amigo de Kadosh (2018), também de *Fluxo-Floema*. Já Hillé, em *A obscena senhora D* (2018), habita o vão da escada na tentativa de compreender “isso de vida e morte, esses porquês”, e, também questiona: “o que é o corpo?” (HILST, 2018b, p. 28); “não posso dispor do que não conheço, não sei o que é corpo mãos boca sexo” (HILST, 2018b, p. 20).

O corpo-excesso na diegese hilstiana está sempre inconformado, degradado. A título de exemplo, temos: a representação do corpo deteriorado

pelo tempo – de Agda e Hillé; o corpo místico profano – de Kadosh; o corpo-criança prostituído – de Lori Lamby, protagonista do romance *O caderno Rosa de Lori Lamby* (2018); e, o corpo mendigo de Stamatius, em *Cartas de um Sedutor* (2018). Nesse sentido, são corpos excluídos e marginalizados, mais detidamente, corpos que habitam o lixo e os vãos das escadas, mas que mergulham em uma busca desenfreada por compreensão, posicionando-se no que concerne à própria condição humana, esta que se expressa incompleta.

A procura por respostas não se esgota e a linguagem da prosa de Hilda Hilst, sempre em fragmentação, reafirma essa constante busca por meio de uma desordem narrativa e de deslocamentos entre o alto e baixo, o sagrado e profano, o trivial e o escatológico, a metafísica e a putaria das grossas. Tal desordem e subversão da narrativa – os gêneros que se fundem e se misturam em um único texto, o jogo entre as dualidades, personagens-narradores múltiplos, que se confundem, transformam-se, desdobram-se – faz sentido pela própria concepção que a autora tem da literatura, sendo necessária à exposição do que denominamos aqui de corpo-excesso.

Novamente em consonância com o pensamento de Moraes, a autora considera tal particularidade da escrita hilstiana como um desvio, uma subversão das normas técnicas da linguagem literária que resulta em uma “prosa em que os gêneros se degeneram. Uma prosa degenerada” (MORAES, 2023, p. 233). De tal modo, essa forma própria e subversiva de escrita é profundamente apropriada para considerarmos que a busca-questão na prosa hilstiana se estabelece a partir do não saber, daquilo que é do campo do insignificante. O corpo-excesso opera pelo baixo materialismo, ou seja, pelo que excede e incomoda o pensamento homogêneo e normativo, a saber: os restos, os excrementos do corpo (sangue, sêmen, suor, lágrimas). É dessa forma, portanto, que o corpo em Hilst escapa da linguagem, ou seja, na entrega à vertigem do que há de mais sujo e abjeto.

O francês Georges Bataille, em seu ensaio intitulado *O valor do uso de D.A.F. de Sade* (1967), propõe a ciência da heterologia, particularmente uma forma de pensamento subversivo que lança luz ao que foi excluído e desprovido de utilidade. Leiamos a definição dada pelo autor:

Ciência do que é completamente outro. O termo *agiologia* seria, talvez, mais preciso, mas seria necessário subentender o duplo sentido de *agios* (análogo ao duplo sentido de *sacer*), tanto *sujo* quanto *santo*. Mas é principalmente o termo *escatologia* (ciência da imundície/sujeira/ordure) que conserva nas circunstâncias atuais (especialização do sagrado) um valor expressivo incontestável, como duplê de um termo abstrati tal como *heterologia*. (BATAILLE, 1967, p. 5-6).

Nessa paisagem argumentativa, a heterologia, ciência da parte excluída, “está situada fora do alcance do conhecimento científico e normativo, que por definição, só é aplicável aos elementos homogêneos” (BATAILLE, 1967, p. 6). É preciso, então, reafirmar que não há qualquer meio de situar os excrementos, a sujeira, no domínio objetivo e racional, isto é, o que é do lixo deve permanecer na lixeira, nas margens; é essa a potência subversiva do heterogêneo. Qualquer tentativa de homogeneização “pura e simples de seu caráter específico culminaria na incorporação a um sistema intelectual homogêneo, numa anulação hipócrita do valor excremental” (BATAILLE, 1967, p. 7).

Em *A obscena senhora D* (2018) há a representação, em acordo com a grafia histiana, de um corpo-porco de 60 anos. Hillé é a senhora D, que após a morte de seu amante-companheiro EHUD, passa a viver em meio à sujeira do vão da escada. No intuito de se esquivar do mundo ao seu redor, das banalidades do cotidiano, passa a indagar sobre a finitude do corpo, sobre o ser e estar no mundo, sobre Deus, sobre a morte. Hillé busca, por meio da continuidade, esgotar os limites do corpo e da linguagem; e, essa busca, tal como já dito, é expressa por meio do excesso, aqui aliado ao escatológico. Vejamos:

É horrível comer, não? Tudo vai descendo pelo tubo, depois vira massa, depois vira bosta. Fecha os olhos e tenta pensar no teu corpo lá dentro. Sangue, mexeção. Pega o microscópio. Ah, eu não. Que coisa a gente, a carne, unha e cabelo, que cores aqui por dentro, violeta vermelho. Te olha. Onde você está agora? Tô olhando a barriga. É horrível, Ehad. E você? Tô olhando o pulmão. Estufa e espreme. Tudo entra dentro de mim, tudo sai. Não tem nada que só entra? Não. E Deus? Deus entra e sai, Ehad? (HILST, 2018, p. 31).

Hillé faz um convite-provocação: fechar os olhos e tentar pensar no teu corpo lá dentro. Sangue, carne, bosta, mexeção. Há quem sinta horror e repulsa ao pensar no que há dentro do corpo. Mas, é justamente a sujeira, a carne viva pulsando, sangrando, que configuram, nesse romance, o princípio do desejo e da vontade de romper com os limites e interditos sociais. É precisamente o corpo-excesso que aproxima os personagens da experiência humana real, livre, desnudada. É, também, pela via do corpo que a narradora se aproxima do conhecimento místico, em um movimento de profanar o sagrado e, concomitantemente, sacralizar o profano.

Hillé, tida como a senhora D para Ehad, a porca e sapa velha para os vizinhos, é a teófaga incestuosa que “engolia o corpo de Deus a cada mês, não como quem engole ervilhas ou roscas ou sabres, engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomensurável” (HILST, 2018c, p. 18). É, então, pelo toque, boca e corpo que a obscena senhora Hillé volta-se para o que está na lixeira, em uma busca desenfreada por compreensão (e experimentação) da ideia de Deus. A experiência com o divino se dá por meio do rebaixamento, da aproximação de Deus com o que é próprio do humano (desejo, prazer, morte) e da animalidade, da sujeira de um corpo-porco. Aqui, destacamos, também, que a figura do porco e do trocadilho corpo-porco é frequente em toda a prosa hilstiana.

Hillé desdobra-se na imagem de uma porca, a que incomoda por causa de sua sujeira. Na mesma obra, existe, de igual modo, o porco-menino, que pode

ser entendido como Deus, ou como mais um desdobramento da própria personagem. Já em *Agda*, a personagem-título, incomodada com os efeitos do tempo sobre seu corpo, cria a própria imagem como a de uma mulher-porco: “O que é isso, um porco? O que é isso-eu? Porco jovem, porquinho rosado” (HILST, 2018a, p. 171). O porco em Hilst é, portanto, um corpo às avessas, isto é, a reinstauração de uma animalidade perdida.

Notemos, a seguir, um trecho significativo de *A obscena senhora D* (2018), que ilustra a comunhão com um deus profano, que é feito à imagem e semelhança do humano (e vice-versa):

Ai Senhor, tu tens igual a nós o fétido buraco? Escondido atrás, todo espremido, humilde mas demolidor de vaidades, impossível ao homem se pensar espirro do divino tendo esse luxo atrás, discursivas, senado, o colete lustroso dos políticos, o cravo na lapela, o cetim das mulheres, o olhar envesgado, trejeitos, cabeleiras, mas o buraco ali, pensaste nisso? Ó buraco, estás aí também no teu Senhor? Há muito que se louva o todo espremido. Estás destronado quem sabe, Senhor, em favor desse buraco? Estás me ouvindo? Altares, velas, luzes, lírios, e no topo uma imensa rodela de granito, umas dobras no mármore, um belíssimo ônix, uns arremedos de carne, do cu escultores líricos. E dizem os doutos que Tua Presença ali é a mais perfeita, que ali é que está o sumo, o samadhi, o grande presunto, o prato. (HILSTc, 2018c, p. 32).

Deus encontra-se sempre presente nas obras de Hilda Hilst. No entanto, convém lembrar que, na escrita da autora, ele nunca aparece em estado de idolatria ou adoração. Em Hilst, sobretudo nas obras aqui destacadas, Deus é porco, é corpo, é lama, é sujeira, sempre associado a uma imagem terrena, sensual e escatológica. O divino é acessado, nesse processo ficcional, por meio de degradações, de uma profanação do sagrado. Precisamente nesse movimento que o excesso – o corpo-excesso – opera, deslocando a ideia de divino, puro, santo, para aquilo é abjeto, imoral. Se, em *A obscena senhora D* (2018) vemos uma série de questionamentos sobre o “todo espremido”, o “belíssimo ônix”, o “fétido buraco” de Deus, em *Cartas de um sedutor* (2018), por

sua vez, o narrador Stamatius, bem como sua irmã Eulália, pensam sobre o pau do Grande Obscuro:

Então saio dos meios, da quentura, e de pau duro no meio da choça começo a gritar: sou Deus! Sou Deus! Eulália ri: é mesmo, bem, o de Deus deve ser assim. Eu digo: é assim mesmo, Eulália, é igualzinho sim. Quem te disse, Tiu? O demo. Eulália se encolhe: tenho medo. Volto pra cama, tomo-a nos braços, afago-lhe os pentelhos e discorro sobre o Trevoso, seu todo nu, seu pau mirrado, sua tristeza. (HILST, 2018d, p. 295).

Por meio do embate entre o alto e o baixo, espiritualidade e o corpo erótico, resta evidente a tentativa da autora de deslocar Deus para o campo do que é terreno, mundano, do que é da carne. Retomando Moraes, a autora analisa tal movimento sob a perspectiva de um rebaixamento da ideia divina ao nível dos atos mais abjetos. Para ela, o Deus-porco de Hilst “já não é mais a medida inatingível que repousava no horizonte da humanidade. O confronto entre o alto e o baixo, além de subverter a hierarquia entre os dois planos, tem, portanto, como consequência última a destituição da figura divina como modelo ideal do homem”. (MORAES, 2023, p. 258). Nesse sentido, a busca por compreensão-respostas acerca da existência promove, então, o destronamento do Todo Poderoso, que já não é mais visto como intangível, incorpóreo e superior ao homem, mas é rebaixado ao nível deste. Ora, erotismo e santidade, sagrado e profano, ou seja, opostos que se complementam e se unem, tornam-se um campo fértil para as operações do excesso.

Bataille, em sua obra *O erotismo* (2017, p. 279), assevera: “a experiência erótica é vizinha da santidade”, pois “ambas têm uma intensidade extrema”, ambas nos levam ao limite (da palavra e do corpo), ao desregramento e desordem dos sentidos. Sob essa mesma linha de raciocínio, Henry Miller abre sua obra *Obscenidade e reflexão* (2004) com a seguinte afirmação: “discutir a natureza e o sentido da obscenidade é quase tão difícil quanto falar de Deus” (MILLER, 2004, p. 25) e, para concluir sua reflexão, complementa: “é nesse

momento que se apercebe de que a verdadeira natureza do obsceno reside no desejo de converter” (MILLER, 2004, p. 53). Hilda Hilst, que bebe na fonte destes dois escritores-teóricos, confessa, em entrevista concedida aos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles, que toda sua obra (até mesmo a tetralogia pornográfica) volta-se para Deus: “minha literatura fala basicamente desse inefável, o tempo todo. Mesmo na pornografia, eu insisto nisso. Posso blasfemar muito, mas o meu negócio é o sagrado. É Deus mesmo, meu negócio é com Deus” (HILST, 1999, p. 30).

O binômio Obscenidade e Deus, em Hilst, fixam-se como inclassificáveis, sobretudo pelo fato de não se revelarem – estão fora de cena. Assim, ambos atraem, mas afastam; fascinam, mas causam repulsa. A literatura da autora pende justamente para esse movimento entre atração e aversão, santidade e sujeira. Não se trata, no entanto, de uma escrita de adoração ao Altíssimo, mas de uma investigação pelo baixo corpóreo. De acordo com a pesquisadora Aline Leal, “o sagrado será assim, um dispositivo para se pensar o que não é possível nomear, o que incide no corpo e o questiona, a linguagem do excesso e do resíduo, da busca e da espera, do que se faz em silêncio e em nada” (LEAL, 2017, p. 27-34), isto é, aquilo que é da ordem do insignificante.

No território em análise, é possível pensarmos na noção de *informe* proposta por Georges Bataille, em *Documents*, obra essa que redefine determinados termos de uma forma distinta-transgressora da usual, isto é, uma maneira que perturba, que desordena uma estrutura anterior já fixada no imaginário coletivo. Centremo-nos a definição do verbete que nos interessa:

Assim, *informe*, não é somente um adjetivo que tem este ou aquele sentido, mas um termo que serve para desclassificar, exigindo geralmente que cada coisa tenha sua própria forma. O que ele designa não tem seus direitos em sentido algum e se faz esmagar em toda parte como uma aranha ou uma minhoca. Seria preciso, de fato, para que os homens acadêmicos ficassem contentes, que o universo tomasse forma. A filosofia inteira não tem outra meta: trata-se de dar um redingote ao que é, um redingote matemático. Em contrapartida,

afirmar que o universo não se assemelha e é apenas informe equivale a dizer que o universo é algo como uma aranha ou escarro. (BATAILLE, 2018, p. 147).

Em acordo com a teoria batailliana, o informe é um termo que serve para desclassificar, para desordenar não apenas a linguagem, mas também o corpo, os sentidos. É sob esse propósito que vinculamos a noção de informe ao rebaixamento do divino aqui em discussão. A queda do que é elevado desemboca na noção de corpo-excesso; o informe opera, então, como elemento desestabilizador, colocando formas e estruturas em jogo, bem como instaurando uma nova ordem na diegese. Portanto, nessa nova ordem, a desordem e a violência imperam, ou seja, o excedente autoriza a infração (BARTHES, 2003), de modo que, na passagem do informe para a ciência da heterologia, a sujeira seja expressada livremente.

Em Hilda Hilst, de acordo com o que já percebemos, os personagens-narradores são obcecados pelos excrementos, pelo escarro, e estes estão sempre associados ao sagrado, à filosofia e à metafísica. O ânus, o fétido e espremido buraco, é deslocado para o centro. Ele sai de um lugar escondido, escuro e passa a habitar o palco, as luzes: é transformado em matéria de conhecimento. Em um de seus discursos proferidos para sua vizinhança, Hillé afirma:

o podre cu de vocês
vossas inimagináveis pestilências
bocas fétidas de escarro e estupidez gordas bundas esperando a vez
de quê? De cagar nas panelas
sovacos de excremento
buraco de verme no oco dos dentes
o pau do porco
a buceta da vaca
a pata do teu filho cutucando o ranho
as putas cadelas
imundos vadios mijando no muro
o pó o pinto do socó o esterco o medo, olha a cançãozinha dela,
olha o rabo da víbora, olha a morte comendo o zóio dela, olha o

sem sorte, olha o esqueleto lambendo o dedo
o sapo engolindo o dado
o dado no cu do lago, olha, lá no fundo (HILST, 2018c, p. 34).

Isolada no vão da escada, sem saber dos “limites das trevas, o começo da luz”, Hillé dedica-se a desvendar os segredos da carne. As imagens evocadas (o podre cu, bocas fétidas de escarro, sovacos de excremento, buraco de verme no oco dos dentes, o pau do porco, a buceta da vaca) desestabilizam um mundo ordenado, ou seja, são a própria afirmação do informe batailliano. Nessa lógica interna de operação, a desordem instaurada é da ordem do pensar, especialmente um refletir sobre sua própria condição humana. É, conseqüentemente, justamente no excesso que passa pelo corpo e pela alma, pelas instâncias do sagrado e profano, sublime e escatológico, que a narradora encontra sua salvação: “a vida foi isso de sentir o corpo, contorno, vísceras, respirar, ver, mas nunca compreender” (HILST, 2018c, p. 37).

Já em *Cartas de um sedutor*, o informe opera com uma força substancial, ao conduzir o narrador a lugares em que reina a sujeira. Stamatius é um escritor-mendigo, vive na decadência, vasculhando o lixo de intelectuais: “os sacos de estopa ficam cheios, cacos livros pedras... que leituras! Que gente de primeira! O que jogaram de Tolstói e Filosofia não dá pra acreditar!” (HILST, 2018d, p. 231). É entre questionamentos e reflexões, entre livros e lixo que o enredo se desenvolve, em um movimento de valoração da sujeira. Na narrativa, objetos como livros (Tolstói, Kierkegaard, Marx), imagens de santos (um pé de Cristo, um pedaço da coxa de São Sebastião), vibradores, penas de animais, asas de anjo, misturam-se, degeneram-se:

Minha vida tem sido um sair de todos os buracos. Sair... imaginem, estou cada vez mais fundo, ou saio de um e entro noutro, buracos pequeninos, maiores agigantados, e outros cheios de excremento, eu tentando apenas inventar palavras, eu tentando apenas dizer o impossível. (HILST, 2018d, p. 281-282).

Stamatius, na tentativa de dizer o impossível, o incomunicável (os segredos do corpo e da carne), faz da sacralização do profano e da profanação do sagrado o seu lugar de ser-estar e pensar o/no mundo. Tal como Hillé, Stamatius só encontra o sentido da existência no corpo-excesso, nos tocares e sentires da carne, nos prazeres da vida: “Irmã, sinto-me morto quase sempre. Só o tesão, o brilho, a cintilante, o pó é que me arranca da mesmice” (HILST, 2018d, p. 238). Ora, o excesso em Hilda Hilst acaba por se manifestar nas intempéries do corpo e do espírito, fundindo-se com as experiências subversivas de realocação das impurezas, das sobras, ao patamar de soberania no texto literário. Nos textos aqui analisados, a reflexão que se destaca é aquela impossível de decifrar ou decantar, mas que se infiltra nas veias discursivas hilstianas de modo a reordenar o império dos sentidos, e, nesse abismo da linguagem, exceder-se: Imperecível de tão impuro.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BATAILLE, Georges. *A parte maldita*, precedida de *A noção de dispêndio*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.
- BATAILLE, Georges. *Documents*. Tradução de João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e barbárie, 2018.
- BATAILLE, Georges. *O valor de uso de D.A.F de Sade*. Texto parcialmente publicado na Revista L'arc, em número especial dedicado a Bataille, n. 32, 1967.
- BORGES, Luiz Augusto Contador. *O louvor do excesso: experiência, soberania e linguagem em Bataille*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo, USP, 2012. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-19092012-091345/pt-br.php>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo: Instituto Moreira Sales, nº 8, outubro de 1999.

DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem*. São Paulo: Editora, 2013.

DUMOULIÉ, Camille Marc. Tudo o que é excessivo é insignificante. In: *Revista Tempo Brasileiro*, abr-jun. – nº 169. Rio de Janeiro, 2007.

HILST, Hilda. Fluxo-floema. In: *Da prosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a.

HILST, Hilda. Kadosh. In: *Da prosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018b.

HILST, Hilda. A obscena senhora D. In: *Da prosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018c.

HILST, Hilda. Cartas de um sedutor. In: *Da prosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018d.

HILST, Hilda. *Pornô chic*. São Paulo: Globo, 2014.

LEAL, Aline. *Os santos profanos – obscenidade e sagrado em Hilda Hilst e Georges Bataille*. Revista de Estudos Literários (IPOTESI). Juiz de Fora, v.21, n.2, p.27-34, jul./dez, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19439>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MILLER, Henry. *Obscenidade e reflexão*. Tradução de Pedro Alvim. Lisboa: Passagens, 2004.

MORAES, Eliane Robert. Da medida estilhaçada. In: MORAES, Eliane Robert. *A parte maldita brasileira: literatura. Excesso. Erotismo*. São Paulo: Tinta da China Brasil, 2023. p. 250-267.

MORAES, Eliane Robert. A prosa degenerada. In: MORAES, Eliane Robert. *A parte maldita brasileira: literatura. Excesso. Erotismo*. São Paulo: Tinta da China Brasil, 2023. p. 228-234.

Recebido em 25/04/2024. Aceito em 25/05/2024.